

ESTUDO DO LIVRO DE JOEL

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

Independentemente da data de composição, a mensagem do livro é clara. Joel avisou sobre a vinda do “dia do Senhor”, um dia de escuridão e castigo (Joel 2:1-2). Ele empregou no livro referências a uma praga devastadora de gafanhotos que foi comparada à invasão de um exército forte: “Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros. Cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo. Avançam entre as lanças e não se detêm no seu caminho. Invadem a cidade, correm pelas muralhas, sobem pelas paredes das casas, entram pelas janelas como ladrões” (Joel 2:7-9). O castigo é tão terrível que a luz das luminárias do céu não consegue passar pela nuvem de gafanhotos: “Diante deles, a terra treme e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar” (Joel 2:10).

Depois dessas descrições do castigo, o profeta levantou uma pergunta que pediu resposta: “O SENHOR levanta a voz diante do seu exército. Porque o seu arraial é enorme, e quem executa as suas ordens é poderoso. Sim, grande e mui terrível é o Dia do SENHOR! Quem o poderá suportar?” (Joel 2:11). A resposta implícita nos versículos seguintes é uma das lições mais valiosas do livro, uma vez que mostra que o homem que pode suportar um julgamento divino é aquele que verdadeiramente se converte ao Senhor: “Ainda assim, agora mesmo, diz o SENHOR: ‘Convertam-se a mim de todo o coração; com jejuns, com choro e com pranto. Rasguem o coração, e não as suas roupas.’ Convertam-se ao SENHOR, seu Deus, porque ele é bondoso e compassivo, tardio em irar-se e grande em misericórdia, e muda de ideia quanto ao mal que havia anunciado” (Joel 2:12-13). Deus avisa sobre o castigo iminente e chama seu povo a se arrepender. A resposta depende de cada um.

Observa-se também que algo havia interrompido o serviço a Deus no templo em Jerusalém: “Na Casa do SENHOR, foram cortadas as ofertas de cereais e as libações. Os sacerdotes, ministros do SENHOR, estão enlutados” (Joel 1:9). Provavelmente isso é uma referência à falta de produtos do campo para as ofertas ao Senhor, devido à praga de gafanhotos e à seca. Para alguns intérpretes, tal referência pode ser o resultado da destruição do templo.

Mais tarde, Deus falou sobre as nações que espalharam os israelitas “entre os povos, repartindo a minha terra entre si” (Joel 3:2). Ele também comentou sobre as coisas preciosas que foram levadas para serem colocadas nos templos das nações, linguagem que pode corresponder à pilhagem do templo em Jerusalém em 586 a.C. (Joel 3:5). No mesmo contexto, comentou sobre os filhos de Judá que foram vendidos aos gregos, outra referência que pode se enquadrar no período depois da queda de Jerusalém (Joel 3:6).

Na leitura do Livro de Joel se observa que os capítulos 1 e 2 falam da praga de gafanhotos como castigo divino. O capítulo 2, especificamente, destaca a misericórdia do Senhor e inclui uma profecia importante sobre a salvação que vem dele. O capítulo 3 fala do castigo das nações que maltrataram o povo de Deus e olha para a expiação e habitação segura do povo do Senhor.

A mensagem de Joel inclui outro lado muito mais positivo: a profecia sobre a descida do Espírito Santo e as consequentes bênçãos espirituais derramadas sobre aqueles que invocam o nome do Senhor. Isso pode ser observado ao se comparar Joel 2:28-32 com o cumprimento identificado pelo apóstolo Pedro em Atos 2:16-21. Depois de falar sobre o castigo do próprio povo do Senhor, Joel mostrou que o povo fiel seria vindicado em um grande julgamento das nações ímpias no “vale da Decisão”, permitindo a habitação segura dos fiéis.

Assim, na leitura desse profeta, entende-se que apenas um tipo de pessoa pode suportar o juízo de Deus: aquele que se converte verdadeiramente ao Senhor.

1.1. AUTORIA

O início do Livro de Joel traz a única informação que se tem sobre a pessoa do profeta: “Joel, filho de Petuel” (Joel 1:1). Além do que diz a tradição judaica, não existe nenhum registro que permita saber quando ou onde Joel viveu, onde nasceu, ou qual a sua idade e atividade. O nome Joel significa “Jeová/Javé/Yahweh é Deus”. Ele era filho de Petuel, também desconhecido fora desse livro. A falta de informação tem dado lugar a várias

conjeturas quanto à época em que o profeta exerceu o seu ministério e, conseqüentemente, a respeito das pessoas às quais dirigiu a sua mensagem ou as nações às quais ele fez referência.

Assim, além do nome, pouco se sabe sobre o autor desse pequeno livro. O nome Joel era comum, mas o nome de seu pai pode ser Petuel, como está no hebraico de Joel 1:1, ou Betuel, como está no grego da Septuaginta. Isso mostra o quão pouco se conhece sobre esse homem.

Há uma série de lendas extrabíblicas sobre a pessoa e a obra de Joel. Contudo, o único depoimento confiável é justamente o *sêfer*/rolo/livro que leva seu nome, bem como a conhecida citação que Lucas fez no Livro de Atos dos Apóstolos (Atos 2:16). Também não se pode confundir o profeta Joel com qualquer uma das demais doze pessoas no Antigo Testamento com o mesmo nome.

A tradição judaica afirma que o profeta Joel é autor dessa obra e que, devido à sua visível preocupação com o reino do sul (Judá) e a cidade santa (Jerusalém), teria morado na região na época em que escreveu ou ditou seu livro, durante a infância do rei Joás (835-796 a.C.), o qual viveu sob a tutela de sacerdotes por algum tempo depois de sua ascensão ao trono com a idade de sete anos (2 Reis 11:21).

1.2. DESTINATÁRIOS

Joel advertiu o povo de Judá acerca de um juízo iminente e incentivou a população ao arrependimento e ao retorno para Deus.

1.3. PROPÓSITOS

Independentemente da biografia do autor e da data de composição, a mensagem do livro é clara. Joel avisou sobre a vinda do “dia do Senhor”, um dia de escuridão e castigo. Porém, a mensagem tem outro lado muito mais positivo: das trevas vem a luz, e Joel profetizou sobre a descida do Espírito Santo e as conseqüentes bênçãos espirituais derramadas sobre aqueles que invocam o nome do Senhor (Atos 2:16-21).

Pragas de gafanhotos, comuns nos dias do Antigo Testamento, ainda devastam partes do mundo hoje em dia. Experiências semelhantes, do início até a metade do século vinte, são lembradas com horror por muitos habitantes do meio oeste americano. O Livro de Joel foi escrito em resposta a uma dessas pragas devastadoras (Joel 1). O texto, entretanto, é mais do que um registro histórico ou uma lamentação. Joel usou a praga de gafanhotos como base para desenvolver simultaneamente um aviso sobre o “dia do Senhor”, um conceito também utilizado por outros profetas – um acontecimento caracterizado por julgamento e salvação. A expressão, como aparece no livro, é versátil, sendo aplicada de maneira similar a uma praga de gafanhotos (Joel 1), a um exército invasor (Joel 2:1-10), a uma batalha decisiva no juízo das nações (Joel 3) e a um fato relacionado à salvação – o derramamento do Espírito de Deus (Joel 2:28).

A mensagem do profeta está inteiramente voltada em uma só direção: “porque o Dia do SENHOR está chegando [...] dia de nuvens e densas trevas [...] grande e terrível” (Joel 2:1-31). Sob o pano de fundo do juízo de Deus, Joel descreveu a dramaticidade do momento presente: a terrível praga de gafanhotos que atingiu o país como se fosse um exército bem treinado, e não sobrou nem um fiapo de vegetação depois que ela passou em sucessivos ataques, devorando a tudo (Joel 1:4,6-7). Mas ainda não terminou, pois junto ao ataque dos gafanhotos ocorre uma seca muito grande, que deixa pessoas e animais sem água nem alimento. A situação torna-se, enfim, crítica, a ponto de até mesmo o culto no templo ser afetado, uma vez que a escassez de cereais e de vinho exigiu a restrição das ofertas e libações (Joel 1:9,13,16).

Joel compreendeu a intensa praga de gafanhotos e a seca severa que devastou Judá como precursores do “grande e terrível Dia do SENHOR” (Joel 2:31). Os gafanhotos que ele mencionou em Joel 1:4;2:25 são mais bem entendidos como uma praga de gafanhotos que de fato ocorreu e simbolizou um exército inimigo que estava por vir, e não como uma representação simbólica dos babilônios, dos medos-persas, dos gregos e dos romanos, como acreditam alguns intérpretes. O “dia do Senhor”, portanto, é o tema principal desse livro, e sua profecia envolve uma intervenção especial de Deus em acontecimentos da história humana.

Nessas circunstâncias, Joel solicitou aos sacerdotes que convocassem o povo de Judá para que se reunisse no templo, em assembleia (Joel 1:14; 2:15-16), a fim de jejuar e prantear diante do Senhor e, acima de tudo, para demonstrar arrependimento sincero (Joel 2:13).

Apesar de a urgência dos acontecimentos narrados, Joel não perdeu de vista o tema último e principal do seu anúncio: os castigos presentes são um vislumbre de como Deus, Senhor e juiz universal, julgará a todos os povos e nações da Terra (Joel 1:15; 2:1-2; 3:14). Para os condenados, o julgamento será o dia frente ao qual “todos os rostos empalidecem” (Joel 2:6). Apesar disso, também será um dia de graça e salvação, porque “todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo” (Joel 2:32).

Assim, para aqueles que prestarem atenção a essa mensagem, são anunciadas as maravilhas do Senhor, as suas grandes obras em favor deles, e a sua vontade misericordiosa e perdoadora (Joel 2:18-27; 3:18-21). De uma forma muito especial, deve-se recordar aqui a promessa divina transmitida por Joel: “derramarei o meu Espírito” (Joel 2:28-32). E o Israel de Deus, o Israel espiritual (Igreja), recebeu a plenitude do dom do Espírito, como aconteceria séculos mais tarde em Jerusalém, no dia de Pentecostes (Atos 2:16-21).

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

O livro do profeta Joel não apresenta informações históricas que possam ser identificadas. Ele não deu nenhuma indicação da data de sua autoria. Isso é incomum na literatura profética do Antigo Testamento, pois a maioria dos profetas menciona os reinados em que atuaram (como Oseias 1:1; Ageu 1:1) ou apresenta outros indicadores cronológicos (como Amós 1:1).

O que se sabe sobre o Livro de Joel vem do próprio livro, o qual foi escrito em Judá. Estudiosos sugerem várias datas, mas reconhecem que as evidências não são conclusivas. Quando se trata do contexto histórico do livro, alguns sugerem uma data no século 9 a.C. (o que o tornaria o mais antigo dos profetas escritores) e outros colocam o livro depois do cativeiro, no século 6 ou 5 a.C., depois de Ageu e Zacarias, o tardio período pós-exílico (tornando-o um dos últimos profetas a escrever sua mensagem). Há evidências internas que parecem mais favoráveis a uma data depois do cativeiro na Babilônia, mas há argumentos que possibilitam ligar sua primeira publicação ao século 9 a.C. A tradição judaica e muitos dos renomados estudiosos e historiadores da atualidade afirmam que a data de publicação gira em torno do ano 835 a.C.

Alguns indícios revelados pela análise literária do texto permitem supor que Joel pregou em época posterior ao exílio na Babilônia, talvez em torno do ano 400 a.C. Pode-se pensar que a tragédia do ano 586 a.C., com a destruição de Jerusalém e o cativeiro babilônico dos seus habitantes (2 Reis 25:1-26), estava presente na mente de Joel quando ele anunciou o castigo divino contra as nações que “espalharam” Israel, “repartiram” a terra de Judá, enviaram os habitantes de Jerusalém ao desterro e até os venderam como escravos aos gregos (Joel 3:2-6). Em suporte a essa hipótese, pode-se observar também que, segundo Joel, a autoridade parece se encontrar nas mãos dos anciãos e sacerdotes. Já não seria exercida pelo rei, nem estaria entregue aos oficiais da monarquia. Aliás, o livro nem sequer menciona a monarquia.

Joel participou, na sua mensagem, do pesar dos sacerdotes, porque do templo “foram cortadas as ofertas de cereais e as libações” (Joel 1:9), isto é, foram interrompidas as atividades do culto com tudo o que elas envolviam (Joel 1:9,13-14,16; 2:14-15). No Livro de Joel parecem ecoar as palavras de alguns dos profetas pré-exílicos, por exemplo: Joel 1:15 com Isaías 13:6; Joel 2:32 com Obadias 17; Joel 3:16 com Amós 1:12; Joel 3:18 com Amós 9:13.

Como Joel não datou seu livro, os estudiosos são obrigados a procurar indicações textuais sobre a época da redação da obra. Seja como for, sua mensagem não é alterada de modo relevante em razão da data de publicação. Os argumentos geralmente apresentados a respeito da datação do livro são:

- Joel é o segundo dos profetas menores, por isso o livro seria antigo, visto que eles são apresentados mais ou menos em ordem cronológica. Contudo, há exceções a essa regra: é quase certo que Obadias, por exemplo, foi escrito depois de Miqueias, e Oseias depois de Amós;

- Não são mencionados reis, portanto o livro seria pós-exílico. No entanto, os profetas pós-exílicos, às vezes, datavam seus livros de acordo com os reis persas (Ageu 1:1; Zacarias 1:1). Assim, o fato de nenhum rei ser mencionado nada indica em particular sobre a data do livro;
- Joel mencionou os sacerdotes e anciãos, indicando que o livro poderia ter sido escrito quando a nação era governada por esses grupos, não por um rei, o que tornaria o livro uma obra pós-exílica. Contudo, os anciãos são mencionados apenas no contexto de um chamado para um ritual de lamentação (Joel 2:15-17). Não é dito que eles exerciam alguma função administrativa, e a palavra “anciãos” pode, na verdade, indicar literalmente um grupo de homens idosos (Joel 1:2). Mais uma vez, nada aqui ajuda a datar o livro;
- Joel não mencionou o reino do norte (normalmente chamado de Israel ou Samaria), o que pode ser uma indicação de que o reino do norte já não existia e que o livro teria sido escrito após a queda de Samaria (722 a.C.);
- Jerusalém tinha muros (Joel 2:7-9). Portanto, o livro teria sido escrito antes de sua queda (586 a.C.) ou mais tarde, no período pós-exílico, depois que os muros foram reerguidos;
- A adoração era realizada no templo (Joel 2:15-17), indicando que o livro teria sido escrito antes da sua destruição ou depois da sua restauração;
- Todos aqueles que moravam na região podiam se reunir em Jerusalém (Joel 1:14), significando que a população seria relativamente pequena, como no período pré-exílico tardio ou no período pós-exílico.

Outras particularidades com respeito à linguagem e às circunstâncias de Joel são debatidas, mas não produziram nenhum consenso. De modo geral, essas considerações indicam ou uma data muito antiga, ou muito tardia, ou da época do exílio. Aparentemente, o reino do norte não existia, mas o templo estava funcionando e os muros de Jerusalém estavam intactos. O século 7 a.C. pode parecer uma data razoável, mas permanece o fato de que o próprio livro não informa quando foi escrito. A tradição judaica afirma que o profeta escreveu ou ditou seu livro durante a infância do rei Joás (835-796 a.C.). Uma compilação dos estudos de Gleason Archer, R. K. Harrison e F. F. Bruce data o livro por volta dos anos 400 a.C.

1.5. CURIOSIDADES

- A embriaguez é o único pecado mencionado de forma específica no Livro de Joel (Joel 1:5);
- O chamado geral à oração e ao jejum indicava uma situação extraordinária (Joel 1:13-14);
- A “trombeta”, feita de chifre de carneiro, era usada para alertar acerca de um perigo que se aproximava (Joel 2:1);
- Janelas ripadas sem vidros não teriam impedido os gafanhotos de entrar nas casas (Joel 2:9).

1.6. TEMAS

O Livro de Joel inclui os seguintes temas:

- **Julgamento:** a descrição de Joel sobre o dia do julgamento sobre Judá prenunciou um grande dia de acerto de contas no futuro. O relato da vinda repentina seria contra o próprio povo de Deus, enquanto outro grande julgamento seria contra os inimigos. Joel descreveu o julgamento contra o próprio povo de Deus como “o grande e terrível Dia do SENHOR” (Joel 2:31), “dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas” (Joel 2:2). O julgamento maior ocorreria no dia em que as nações forem responsabilizadas por seus atos de crueldade contra o povo de Deus (Joel 3:2-16,19), que será protegido e abençoado (Joel 3:16-18,20-21);
- **Arrependimento e salvação:** Joel convocou todos ao arrependimento, jovens e velhos (Joel 1:2-3; 2:16), bêbados (Joel 1:5), agricultores (Joel 1:11) e sacerdotes (Joel 1:13; 2:17). Mostrar sinais externos de

arrependimento, como rasgar as vestes, é insuficiente (Joel 2:12). Deus exige arrependimento sincero. Em resposta ao arrependimento profundo e à confiança em sua graça, amor e compaixão (Joel 2:13), Deus iria perdoá-los e restaurá-los (Joel 2:18-32). Ainda mais notável no livro é a promessa do derramamento do Espírito Santo sobre todo o povo – jovens e velhos, homens e mulheres (Joel 2:28-29) – e a promessa de salvação para “todo aquele que invocar o nome do SENHOR” (Joel 2:32).

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- A invasão dos gafanhotos e o chamado ao arrependimento (Joel 1:1-2:17);
 - Chamado à lamentação e à oração (Joel 1:1-14);
 - O anúncio do “dia do Senhor” (Joel 1:15-2:11);
 - Chamado ao arrependimento e à oração (Joel 2:12-17);
- Salvação no “dia do Senhor” (Joel 2:18-3:21);
 - O reino de Judá será restaurado pelo Senhor (Joel 2:18-27);
 - O povo será restaurado pelo Senhor (2:28-32);
 - A chegada do “dia do Senhor” (Joel 3).

2. ESTUDO DO LIVRO DE JOEL

As citações são da versão Nova Almeida Atualizada.

A INVASÃO DE GAFANHOTOS E O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO – CHAMADO À LAMENTAÇÃO E À ORAÇÃO

Joel 1:1-3: *“{1:1} Palavra do SENHOR que foi dirigida a Joel, filho de Petuel. {1:2} Prestem atenção, velhos, e escutem, todos os moradores da terra! Aconteceu algo assim no tempo de vocês ou nos dias de seus pais? {1:3} Contem isto aos filhos de vocês; que eles o contem aos filhos deles, e que estes falem sobre isso à geração seguinte.”*

1:1 – Deus revelou a sua mensagem por meio de Joel, filho de Petuel. Sabe-se muito pouco sobre Joel e Petuel. Em lugar de “Petuel”, a Septuaginta traz o nome “Betuel”. Joel segue a tradição dos profetas de Deus ao afirmar que recebeu e proclamou a Palavra do Senhor sem rodeios ou subterfúgios, portanto, sob autoridade profética (Jeremias 1:2; Ezequiel 1:3; Oseias 1:1; Jonas 1:1,3; 3:1; Miqueias 1:1; Sofonias 1:1; Ageu 1:1; Zacarias 1:1; Malaquias 1:1). Em hebraico, o nome “Joel” significa “Jeová/Javé/Yahweh é Deus”, um paralelo ao nome de Elias: “Meu Deus é o SENHOR”.

O livro não apresenta informações históricas que possam ser identificadas. Ele não dá nenhuma indicação da data de sua autoria. O que se sabe vem do próprio livro, o qual foi escrito em Judá. Estudiosos sugerem várias datas, mas reconhecem que as evidências não são conclusivas. Quando se trata do contexto histórico do livro, alguns sugerem uma data no século 9 a.C. (o que o tornaria o mais antigo dos profetas escritores) e outros o colocam depois do cativo, no século 6 ou 5 a.C., depois de Ageu e Zacarias, o tardio período pós-exílico (tornando-o um dos últimos profetas a escrever sua mensagem). O século 7 a.C. pode parecer uma data razoável, mas permanece o fato de que o próprio livro não informa quando foi escrito. A tradição judaica afirma que o profeta escreveu ou ditou seu livro durante a infância do rei Joás (835-796 a.C.).

1:2 – Os “velhos”, ou “anciãos”, são os homens mais velhos da comunidade ou oficiais reconhecidos. No início, esse termo designava pessoas de idade que eram reconhecidas como chefes nos seus respectivos clãs ou tribos. Depois, a palavra passou a ser um título para aqueles que estavam constituídos como autoridades e eram responsáveis pela execução da justiça (conforme Deuteronômio 19:12; 21:1-9,19; 22:13-21; 25:7-8). A menção aos

“velhos” aqui pode conter apenas referência à idade, pois nem eles, apesar de seus muitos anos, nem seus pais, haviam presenciado aquilo que aconteceu naqueles dias em que o profeta fez referência. O evento que serviu de pano de fundo para a profecia foi a praga de gafanhotos descrita a partir de Joel 1:4: uma calamidade inédita na experiência do povo.

1:3 – O profeta encorajou o povo a contar às futuras gerações a história da terrível invasão de gafanhotos que vai ser descrita a partir de Joel 1:4. Mais do que um desastre natural, tal praga de gafanhotos, e também a seca que veio junto (Joel 1:19-20), eram sinais de que estava chegando o grande e temível “Dia do SENHOR” (Joel 1:15; Isaías 13:6; Ezequiel 30:2-3; Amós 5:18-20).

A revelação de Deus nos acontecimentos históricos é uma característica distintiva da fé israelita (conforme Deuteronômio 26:5-10). Por causa disso, o povo deveria recordar e transmitir às gerações seguintes os fatos em que havia sido manifestado o amor e o poder do Senhor de um modo especial, como o êxodo do Egito e a entrada na terra prometida. No entanto, o que foi recordado e transmitido aqui foi a terrível praga de gafanhotos, isto é, não um fato de salvação, mas de juízo, para que sirva de advertência às gerações futuras (como em Jeremias 4:8).

Joel 1:4-7: “{1:4} O que o gafanhoto cortador deixou, o gafanhoto migrador comeu; o que o migrador deixou, o gafanhoto devorador comeu; o que o devorador deixou, o gafanhoto destruidor comeu. {1:5} Acordem, beberrões, e chorem! Lamentem, todos vocês que gostam de vinho, por causa do vinho novo, pois foi tirado da boca de vocês. {1:6} Porque veio um povo contra a minha terra, poderoso e inumerável, com dentes como de leão e presas como de leoa. {1:7} Destruiu as minhas videiras e destroçou as minhas figueiras. Tirou as cascas das árvores e as jogou fora; os galhos ficaram brancos.”

1:4 – O profeta começou a descrever um evento que serviu de pano de fundo para a profecia: incessantes ondas de uma praga de gafanhotos que chegaram a ser uma calamidade inédita na experiência do povo (Joel 1:2). Desde tempos remotos, pragas de gafanhotos semearam desolação e terror (Joel 2:6) por causa da dos estragos ocasionados à vegetação (Êxodo 10:1-15; Deuteronômio 28:38; 1 Reis 8:37; Salmo 105:34-35; Amós 4:9). Joel descreveu quatro etapas da destruição causada por quatro tipos de gafanhotos: “cortador”, “migrador”, “devorador” e “destruidor”. Cada onda comeu o que restou depois da anterior, deixando a terra nua.

Joel usou quatro palavras hebraicas diferentes para descrever os gafanhotos, e os tradutores da Bíblia têm se esforçado para fazer distinção entre elas. O significado original de cada uma dessas quatro palavras hebraicas para “gafanhoto” está perdido. É possível que as quatro palavras indiquem quatro espécies diferentes de gafanhoto (talvez uma espécie diferente em cada onda de enxames), ou que a referência a quatro tipos signifique destruição total. Também pode ser que indiquem fases de crescimento do inseto de uma única espécie. De acordo com esse argumento, parece que o “gafanhoto cortador” seria a terceira fase de crescimento, o “gafanhoto migrador” seria a quarta fase ou fase final (gafanhoto adulto), o “gafanhoto devorador” seria a fase de larva, representando a descendência da geração anterior de gafanhotos (o primeiro estágio do inseto), e o “gafanhoto destruidor” seria a ninfa, a segunda fase do gafanhoto. A ideia é que um enxame de gafanhotos se mudou, devastou a terra e pôs seus ovos. Os ovos chocaram, e as larvas vorazes e as ninfas devoraram todo o verde que restou. A repetição em Joel 1:4 deixa claro que nada foi deixado depois que a última fase de gafanhotos terminou de comer seu quinhão.

Parece ser mais adequado ao contexto do livro que várias ondas de enxames de gafanhotos acometeram a nação de Judá juntamente com uma seca. Assim, cada onda seria um tipo de gafanhoto diferente.

1:5 – Os “beberrões”, ou embriagados, ou bêbados, sofreram de forma especial as consequências do desastre, por causa da falta de vinho: ao serem destruídas as videiras por causa dos gafanhotos, os bêbados estiveram sem o vinho que tanto adoravam (Joel 1:8,11,13). Portanto, Joel despertou os “beberrões” para lamentarem a destruição, pois a fonte do seu vinho foi destruída. A embriaguez é o único pecado mencionado de forma específica no Livro de Joel, e o único atacado diretamente. Nesse contexto, a embriaguez representa um estilo de vida consumista perseguido por aqueles que valorizam mais o que é material do que o espiritual (Isaías 28:7-8; Amós 4:1). Tal embriaguez também representa todo o egoísmo vivido pelas pessoas da época de todos os segmentos sociais (sacerdotes, agricultores e povo em geral), em busca da satisfação de suas próprias vontades e prazeres.

1:6 – O profeta descreveu o ataque dos gafanhotos como se fosse um forte exército invadindo a terra, ou seja, Joel afirmou que a grande invasão de gafanhotos prefigurava uma invasão por um exército inimigo. Como

acontece nos escritos de muitos profetas, a realidade atual e física e o futuro profético descrevem-se com uma linguagem metafórica, mas única (Oseias 2:3). Os gafanhotos são comparados aqui a uma nação, mas em Joel 2:11 são referidos como um “exército do Senhor”. O inverso – comparar exércitos com gafanhotos para ressaltar seu número – é tão antigo quanto a literatura ugarítica (século 15 a.C.) e é comum no Antigo Testamento (Juízes 6:5; Jeremias 46:23; 51:14,27; Naum 3:15).

A comparação que Joel fez entre os dentes do exército simbolizado pelos gafanhotos e os dentes como de leões e presas como de leoa é ecoada em Apocalipse 9:8. Tal comparação reflete ao mesmo tempo a ferocidade da praga de gafanhotos e a nação simbolizada por eles.

Outra tradução possível para a expressão “*Porque veio um povo contra a minha terra, poderoso e inumerável*” é “pois o gafanhoto, como um exército forte e numeroso” (Joel 2:2-11, conforme Provérbios 30:27).

1:7 – As ondas incessantes de enxames da praga de gafanhotos, a qual representa o exército inimigo que ainda estava por vir, arrasaram a nação de Judá. O enxame arrasou videiras e figueiras, deixando-as sem casca e com “*galhos brancos*”. Joel estava antevendo a possibilidade de um futuro ruim para o povo – o “dia do Senhor” contra o povo desobediente seria a invasão por uma nação terrível pior do que os gafanhotos.

Joel 1:8-12: “{1:8} *Lamentem, assim como a virgem, vestida de roupa feita de pano de saco, lamenta a morte do seu noivo.* {1:9} *Na Casa do SENHOR, foram cortadas as ofertas de cereais e as libações. Os sacerdotes, ministros do SENHOR, estão enlutados.* {1:10} *Os campos foram arrasados, e a terra está de luto, porque o cereal foi destruído, o vinho novo acabou, o azeite está no fim.* {1:11} *Fiquem envergonhados, lavradores; lamentem, vinhateiros, por causa do trigo e da cevada, porque a colheita foi destruída.* {1:12} *As videiras secaram, as figueiras murcharam, as romãzeiras, as palmeiras e as macieiras também. Todas as árvores do campo secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens.*”

1:8 – Em Israel, quando uma mulher era prometida em casamento a um homem, ele já era considerado seu marido, e ela era considerada sua esposa, mesmo ela ainda sendo virgem (Deuteronômio 22:23-24). Aqui é feita referência ao “noivo” que morria antes de oficializar o matrimônio. O pano de saco era a roupa grosseira dos pranteadores. A praga trouxe sofrimento e lamentação, como a tristeza de uma noiva que já perdeu o seu noivo/marido. Como não havia mantimentos (Joel 1:10-12), pessoas podem ter morrido de fome ou de doenças decorrentes da ausência de alimentação adequada.

1:9 – As ofertas de cereais (Levítico 2:1-2) e as ofertas derramadas, que eram uma libação de vinho (Levítico 23:13), faziam parte das ofertas diárias a serem apresentadas no tabernáculo e, depois, no templo (Êxodo 29:40; Números 28:5-8). Porém, as ondas de gafanhotos não deixaram nada que pudesse ser apresentado para essas ofertas. Por essa razão, os sacerdotes estavam de luto: lamentavam a falta de ofertas, consequência da destruição dos produtos do campo.

Para alguns intérpretes, esse versículo pode se referir ao resultado da destruição do templo. Nesse caso, o Livro de Joel seria pós-exílico. No entanto, é mais adequado ao contexto do livro que as ofertas tivessem sido interrompidas simplesmente porque não havia produtos do campo em decorrência da praga, e não porque não havia mais templo – uma congregação no templo é mencionada em Joel 1:14. É possível entender que essa congregação apenas tenha tomado lugar no local onde o templo destruído estaria, mas não parece ser o caso.

1:10 – Uma seca de grandes proporções agravava ainda mais a catástrofe. A seca e as ondas de pragas de gafanhotos podiam ocorrer simultaneamente (1 Reis 8:35-37; 2 Crônicas 6:26-28; Amós 4:6-9). Trigo, vinho e azeite eram as três mercadorias da sociedade agrícola da época.

1:11 – A praga de gafanhotos e a seca arrasaram os produtos do campo. Não havia mais trigo e cevada. Tendo em vista a destruição, o profeta falou para que os lavradores se envergonhassem e para que os vinhateiros lamentassem.

1:12 – Todas as classes do povo sofreram por causa do resultado da praga de gafanhotos e da seca: “*As videiras secaram, as figueiras murcharam, as romãzeiras, as palmeiras e as macieiras também. Todas as árvores do campo secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens.*”

Parece que na Berbéria, no mês de junho, os gafanhotos não se encubam antes de se acondicionarem em corpos compactos, perfazendo cada qual cerca de 200 metros quadrados ou mais. Após eles terem adquirido “vida”, eles se deslocam em linha reta, rumando para o mar, não deixando nada para trás, devorando tudo o que é verde e suculento, não somente as plantas menores, mas também as videiras, as figueiras, as romeiras, as palmeiras e macieiras, e até mesmo as árvores do campo.

Joel 1:13-14: *“{1:13} Sacerdotes, vistam roupa feita de pano de saco e pranteiem. Ministros do altar, lamentem. Ministros do meu Deus, venham e passem a noite vestidos de panos de saco. Porque no templo de seu Deus não há mais ofertas de cereais e libações. {1:14} Proclamem um santo jejum, convoquem uma reunião solene. Reúnam os anciãos e todos os moradores desta terra na Casa do SENHOR, seu Deus, e clamem ao SENHOR.”*

1:13 – Roupas feitas de “*pano de saco*” eram utilizadas para mostrar dor e pranto (2 Samuel 3:31; 2 Reis 6:30; Jeremias 4:8). Como o vinho, o trigo e o azeite eram elementos indispensáveis para o culto no templo (Levítico 6:14-17; 24:1-9) e, na situação descrita pelo profeta, a perda das colheitas havia sido total, as ofertas diárias no templo tiveram que ser interrompidas. Portanto, Joel dirigiu a Palavra do Senhor aos “*Sacerdotes*”/“*Ministros do altar*”/“*ministros de meu Deus*” a fim de que eles pranteassem, chegando ao ponto de dizer para eles passarem “*a noite vestidos de panos de saco*”.

1:14 – Depois de descrever a severidade do sofrimento, Joel sugeriu uma ação ao povo: os sacerdotes deveriam chamar os anciãos e os moradores de Judá ao templo de Jerusalém para clamar a Deus. Um chamado geral à oração e ao jejum como esse indicava uma situação extraordinária (Neemias 9:1-3; Jeremias 36:9) ou uma calamidade, a qual, nesse caso, foi a invasão de ondas de enxames de gafanhotos sem precedentes acompanhada por uma seca terrível. Diante da magnitude do desastre, o profeta exortou todos ao arrependimento (Joel 2:15; Isaías 58:1-7; Jonas 3:3-9; Mateus 6:16-18).

Os líderes identificados no Livro de Joel são os “*Sacerdotes*” (Joel 1:9) e os “*anciãos*”. No entanto, a menção aos “*anciãos*” aqui pode apenas ser uma referência à idade. Alguns sugerem que a falta de menção sobre um rei ou príncipe indica uma data depois do exílio na Babilônia, quando não havia rei em Israel. Interessantemente, Oseias 3:4 diz: “*Porque os filhos de Israel ficarão por muito tempo sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem coluna, sem estola sacerdotal ou ídolos do lar.*”

No caso de assumir a interpretação de que o templo estava destruído, a qual implicaria que o Livro de Joel é pós-exílico, é possível entender que a congregação no templo aqui mencionada signifique que a reunião apenas tomou lugar no local onde o templo destruído estaria. No entanto, parece ser mais natural ao texto entender que o templo não estava destruído e que as ofertas cessaram por causa da ausência de produtos do campo.

A INVASÃO DE GAFANHOTOS E O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO – O ANÚNCIO DO DIA DO SENHOR

Joel 1:15-18: *“{1:15} Ah! Que dia! Porque o Dia do SENHOR está perto e ele vem como destruição da parte do Todo-Poderoso. {1:16} Por acaso, o alimento não foi destruído diante dos nossos olhos? E, do templo do nosso Deus, não desapareceram a alegria e o regozijo? {1:17} As sementes secaram debaixo dos seus torrões; os celeiros foram destruídos, os armazéns, derrubados, porque o cereal se perdeu. {1:18} Como geme o gado! As manadas de bois estão inquietas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas estão sofrendo.”*

1:15 – A catástrofe resultante da praga de gafanhotos e da seca é somente um sinal que prenuncia a chegada do “*Dia do SENHOR*”, tema central do Livro de Joel (Joel 2:1-2,31; 3:14). Esse dia é um dia terrível em que, basicamente, Deus “*acerta as contas*” (Amós 5:18-20; Sofonias 1:14-18), mas também nele há livramento para o fiel. Joel estava anunciando um castigo para o povo desobediente, e somente uma conversão sincera poderia deter a punição e possibilitar que o Senhor abençoasse novamente seu povo (Joel 2:12-17).

Portanto, Joel avisou sobre a proximidade desse “*dia do Senhor*”. A praga dos gafanhotos não foi a calamidade principal, mas simplesmente um precursor avisando sobre coisas piores, no caso, um exército inimigo que iria assolar a nação. A tendência judaica seria esperar o “*dia do Senhor*” como dia de castigo dos inimigos e libertação do povo, mas Joel aqui o apresentou como um dia de assolação e maior sofrimento contra os próprios judeus, um dia para temer, e não para esperar.

“*Todo-Poderoso*” em hebraico é *El Shaddai*, o nome pelo qual Deus se revelou aos patriarcas (Gênesis 49:24-26; Êxodo 6:3; Salmo 91:1).

1:16 – O profeta observou que os mantimentos e a alegria e satisfação resultantes dos serviços no templo se foram por causa da praga de gafanhotos e da seca. Há um alerta aqui: se uma catástrofe natural como essa produziu tamanho estrago, pior ainda seria o vindouro dia de acerto de contas de Deus contra o povo infiel.

1:17 – Até mesmo sementes acabaram estragando sob seus torrões (solo ou terreno relativamente endurecido e aglomerado), provavelmente por causa da seca que veio juntamente com a praga de gafanhotos. Como os cereais foram perdidos, não havia mais deles para serem guardados e, por isso, celeiros e armazéns acabaram ruindo por falta de reparos, ou o próprio povo poderia tê-los derrubado para usar seus materiais para outra coisa. A ideia é a mesma do versículo anterior: se uma catástrofe natural resulta em tamanho estrago, pior ainda seria o vindouro “dia do Senhor”.

1:18 – As consequências da catástrofe se estenderam até mesmo aos bois, os quais ficaram sem pasto e geraram inquietos, e aos rebanhos de ovelhas que, da mesma forma, estavam perecendo. A seca acabou com a água e com os pastos (Joel 1:19-20), além de os gafanhotos comerem as plantas com as quais os animais se alimentavam. Assim, aqui continua a mesma ideia apresentada em Joel 1:16-17: o vindouro “dia do Senhor” causaria mais calamidade do que o perecimento da pecuária e dos rebanhos. Foi um aviso de Deus ao povo que teve base nas consequências horríveis vistas na prática.

Joel 1:19-20: “*{1:19} A ti, ó SENHOR, clamo, porque o fogo devorou as pastagens, e as chamas consumiram todas as árvores do campo. {1:20} Também todos os animais selvagens suspiram por ti, porque os rios secaram, e o fogo devorou as pastagens.*”

1:19 – O próprio profeta Joel clamou ao Senhor por causa da destruição das pastagens e das árvores do campo. Eles podem ter sido destruídos pelo calor escaldante decorrente da seca terrível que ocorreu juntamente com a praga de gafanhotos, ou até mesmo por um incêndio facilitado pela seca (Joel 1:20).

1:20 – A calamidade fez até mesmo os animais sofrerem, razão pela qual Joel pintou um quadro no qual eles “suspiravam” para Deus por auxílio. Outra razão apresentada para esse sofrimento foi que os rios se secaram, também como resultado da seca. Até mesmo as “*pastagens*” sofreram por causa do calor da seca ou por um incêndio facilitado por ela. O local descrito pelo profeta é chamado de “deserto” em algumas versões da Bíblia, mas isso é uma referência aos gramados não cultivados da estação, e não ao deserto de areia.

Por ter sido escassa na Palestina, a água era muito apreciada. Sua falta foi motivo de extrema preocupação (1 Reis 17:1; Jeremias 14:3). Na realidade, a chuva era vista nos dias do Antigo Testamento como um sinal direto do favor de Deus. Os rios da Palestina tendem a ser pequenos e contém pouca, senão nenhuma, água no verão. Por conseguinte, nos tempos bíblicos, Israel dependia da chuva para o abastecimento de água, a qual supria nascentes e fontes. As cisternas eram uma necessidade para o armazenamento. Entretanto, a água armazenada por muito tempo se tornava salobra e suja – uma ameaça para a saúde. No verão não havia chuva, por isso a vegetação dependia da grande formação de orvalho. A irrigação era possível onde houvesse água suficiente. Quando esse recurso vital se tornava escasso, como durante um cerco, o racionamento era inevitável. A água potável, armazenada em odres, costumava ser vendida nas ruas. Os poços e piscinas, embora relativamente raros, são mencionados várias vezes na Bíblia (Gênesis 21:19; 24:11; João 4:6; 9:7).

Joel 2:1-3: “*{2:1} Toquem a trombeta em Sião e deem o alarme no meu santo monte. Que todos os moradores da terra tremam, porque o Dia do SENHOR está chegando; já está próximo. {2:2} É dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas! Como a luz do amanhecer sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, como nunca houve igual desde os tempos antigos, nem haverá outro depois dele pelos anos seguintes, de geração em geração. {2:3} À frente dele vai fogo devorador, atrás dele vêm chamas destruidoras. Diante desse povo, a terra é como o jardim do Éden; mas, atrás dele, fica devastada como um deserto. Nada lhe escapa.*”

2:1 – A “*trombeta*”, em hebraico *shofar*, era feita de chifre de carneiro. O toque de trombeta indicava a iminência de algum perigo (Juízes 3:27; 1 Samuel 13:3; 2 Samuel 2:28; Jeremias 6:1; Oseias 5:8) ou convocava as assembleias no templo (Números 10:2-10; Isaías 23:17; Joel 2:15). Aqui o toque da trombeta tinha o objetivo de

alertar sobre a iminência do “Dia do SENHOR” contra Sião, ou seja, Jerusalém como capital da nação. O “dia do Senhor” é um dia em que Deus acerta as contas contra uma nação ou povo, sendo aqui aplicado para seu povo desobediente. Ele foi descrito como um dia mais terrível do que o exemplo já dado com as incessantes ondas da praga de gafanhotos e da seca. Joel aqui o apresentou como um dia de assolação e maior sofrimento que estava vindo e estava próximo, um dia para temer e trazer perturbação para os moradores da terra de Judá.

A expressão hebraica aqui traduzida por “Dia do SENHOR” ocorre cinco vezes no Livro de Joel, sendo o tema dominante da obra (Joel 1:15; 2:1,11,31; 3:14). Sete outros profetas do Senhor também usaram a mesma expressão: Isaías (Isaías 13:6,9), Ezequiel (Ezequiel 13:5; 30:3), Amós (Amós 5:18,20), Obadias (Obadias 15), Sofonias (Sofonias 1:7,14), Malaquias (Malaquias 4:5) e Zacarias (Zacarias 14:1).

2:2 – Em Joel 2:2-27, o profeta relacionou mais uma vez a descrição da calamidade então presente (Joel 2:2-9) com o anúncio do “dia do Senhor” (Joel 2:10-11). Isso permitiu a ele fazer outro chamado urgente ao arrependimento (Joel 2:12-17), imediatamente seguido por uma promessa de salvação (Joel 2:18-27). Aqui ele afirmou que o dia do acerto de contas de Deus é terrível, fazendo uso da expressão “*dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas!*” (como também apresentado em Isaías 8:22; 13:10; Amós 5:18-20; Sofonias 1:15). Trevas e nuvens são símbolos do juízo divino.

Dando mais detalhes de como seria o “Dia do SENHOR”, Joel afirmou que um exército de “*um povo grande e poderoso*” se aproximava para executar o juízo contra a nação de Judá. O tal exército estava à vista “*Como a luz do amanhecer sobre os montes*”. A expressão “*como nunca houve igual desde os tempos antigos, nem haverá outro depois dele pelos anos seguintes, de geração em geração*” ressalta sua ferocidade e poder, mas a expressão é uma hipérbole. Portanto, o referido exército não deve ser entendido literalmente como o “*mais poderoso de todos os tempos*”, mas como um inimigo terrível que estava por vir e que era capaz de trazer maior calamidade do que a praga de gafanhotos e a seca. Historicamente, a nação que assolou a nação de Judá foi o império neobabilônico comandado por Nabucodonosor, em 586 a.C. Não se pode determinar, no entanto, que o exército inimigo mencionado no Livro de Joel seja mesmo o babilônio. Alguns intérpretes o associam com os assírios, os quais chegaram ao ponto de sitiarem Jerusalém na época do rei Ezequias, mas não a tomaram graças à ação do Senhor (Isaías 36-37; 2 Crônicas 32:1-22). Se o Livro de Joel for de datação anterior a esse acontecimento, provavelmente o exército assírio foi o mais poderoso e, assim, seria possível que Deus se referisse à Assíria nessa profecia.

2:3 – Joel continuou empregando linguagem simbólica e apocalíptica para descrever o exército inimigo que traria o “dia do Senhor” sobre Judá. Se referindo à capacidade de destruição desse inimigo, o profeta o comparou ao fogo consumidor: o que está a sua frente acaba sendo devorado pelas chamas e o que fica para trás se torna destruído e queimado. A comparação em que aquilo que estava diante do exército era como se fosse o “*jardim do Éden*” e aquilo que restou após sua passagem como se fosse um “*deserto assolado*” ilustra a capacidade do inimigo de transformar algo que era como um paraíso em uma assolação total.

Joel 2:4-5: “*{2:4} A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm. {2:5} Com um estrondo semelhante ao de carros de guerra, eles vêm saltando no alto dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram a palha, como um povo poderoso posto em ordem de combate.*”

2:4 – Segue mais uma descrição do exército inimigo, dessa vez em relação à sua aparência e movimento: se parece com “*cavalos*” e corre como “*cavaleiros*”. O combate montado era poderoso na antiguidade, tanto em termos de poder militar quanto em termos de movimento.

Considerando que o Livro de Joel usa como pano de fundo a praga de gafanhotos para ilustrar o “dia do Senhor”, o qual traria um exército poderoso para efetuar juízo contra a nação de Judá se ela não se arrependesse, passagens como Apocalipse 9:7-9 e Jó 39:19-20 são interessantes. Joel comparou a nação que traria o juízo com cavalos e cavaleiros, e essa mesma nação foi prenunciada pelos gafanhotos. Apocalipse 9:7-9 comparou gafanhotos com cavalos: “*O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a batalha. Na cabeça deles havia como que coroas parecendo de ouro, e o rosto deles era como rosto de um ser humano. Tinham também cabelos, como cabelos de mulher; e os dentes eram como dentes de leão. Tinham couraças, como couraças de ferro. O barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros puxados por muitos cavalos, quando correm para a batalha.*” Jó 39:19-20 também comparou cavalos a gafanhotos: “*Por acaso foi você quem deu força ao cavalo ou revestiu o seu pescoço de crinas? É você quem o faz pular como*

gafanhoto? Terrível é o fogo respirar das suas ventas.” Em outras palavras, na Bíblia, gafanhotos representam exércitos de uma nação utilizada por Deus para trazer juízo contra outra nação que foi condenada por ele.

2:5 – O profeta descreveu o exército inimigo vindo como os carros de guerra da antiguidade, os quais eram puxados por cavalos. Eles causam sons como estrondos e como o crepitar de chamas que consomem palha. São mais figuras de linguagem que demonstram o poder e ferocidade do inimigo e, conseqüentemente, o terror do “dia do Senhor” que estava por vir. Joel também usou uma descrição mais direta sobre esse exército: *“um povo poderoso posto em ordem de combate.”*

Joel 2:6-8: *“{2:6} Diante deles, os povos tremem; todos os rostos empalidecem. {2:7} Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros. Cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. {2:8} Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo. Avançam entre as lanças e não se detêm no seu caminho.”*

2:6 – O “dia do Senhor” anunciado por Joel traria um exército que é muito mais terrível do que a praga de gafanhotos e a seca. O exército inimigo fazia com que os demais povos tremessem de medo, e a intensidade desse medo fazia o rosto das pessoas empalidecer. Essas figuras de linguagem ressaltam o aspecto intimidador do inimigo.

2:7 – Mais figuras de linguagem foram utilizadas para demonstrar como o exército inimigo se movimentava e não podia ser detido. Os combatentes corriam *“como valentes”* e eram organizados: cada um *“vai no seu caminho”* e *“não se desvia de sua fileira”*. É uma formação militar bem estabelecida. Os muros também não eram capazes de detê-los, pois eles conhecem técnicas de guerra e poderiam possuir torres de cerco e/ou escadas para poderem passar por cima dessas barreiras. Outra forma de exércitos passarem por cima de muralhas era amontoando terra de forma a criar rampas feitas de barro para que os soldados pudessem passar. Em 2 Samuel 20:15, Joabe e seus homens fizeram uso dessa tática: *“Joabe e os seus homens vieram e o cercaram em Abel-Bete-Maaca. E levantaram contra a cidade um montão da altura da muralha. E todo o povo que estava com Joabe batia na muralha para a derrubar.”* Era uma tática de cerco do mundo antigo.

Interessantemente, considerando o pano de fundo do enxame de gafanhotos, o exército inimigo descrito por Joel não era diferente. Enxames de gafanhotos, ao avançarem, conservam-se em fileiras como homens de guerra e passam por todas as árvores ou muros que encontram pelo caminho.

2:8 – A organização militar do inimigo continua sendo ressaltada. Cada membro do exército não empurra o outro, apenas segue seu rumo. São profissionais em combate. Eles avançam até mesmo contra lanças sem dissiparem sua formação de batalha, ou seja, não temem as defesas de seu oponente.

Joel 2:9-11: *“{2:9} Invadem a cidade, correm pelas muralhas, sobem pelas paredes das casas, entram pelas janelas como ladrões. {2:10} Diante deles, a terra treme e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar. {2:11} O SENHOR levanta a voz diante do seu exército. Porque o seu arraial é enorme, e quem executa as suas ordens é poderoso. Sim, grande e mui terrível é o Dia do SENHOR! Quem o poderá suportar?”*

2:9 – Joel continuou a descrever o exército inimigo. Ele atacava cidades correndo pelas muralhas, subindo até mesmo pelas paredes das casas, e entrava nelas como ladrões.

Tendo em vista o pano de fundo do enxame de gafanhotos, esse exército inimigo descrito por Joel não é muito diferente. Enxames de gafanhotos, ao avançarem, entram nas casas e dormitórios como numerosos ladrões. Janelas ripadas sem vidros, comuns na época, não os teriam impedido de entrar.

2:10 – A expressão *“Diante deles, a terra treme e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar”* é uma linguagem apocalíptica frequentemente aplicada ao dia de acerto de contas de Deus contra uma nação (Joel 2:30-31; 3:15; Amós 8:8-9; Apocalipse 8:12). O “dia do Senhor” traz um exército inimigo tão terrível que é como se a nação condenada, no caso Judá, visse seu fim chegar enxergando a terra e os céus tremendo diante do exército e os corpos celestes parando de brilhar – uma alusão à escuridão mencionada em Joel 2:2.

Ainda em relação ao pano de fundo do enxame de gafanhotos, há outra semelhança com o exército inimigo descrito pelo profeta aqui. Até mesmo as lamparinas acesas dentro das casas eram apagadas pelos numerosos enxames vindos um após o outro.

2:11 – Da mesma maneira como Isaías viu os assírios (Isaías 10:5) e Jeremias os babilônios (Jeremias 25:9; 43:10) como instrumentos do Senhor, assim Joel viu as ondas incessantes de gafanhotos, representantes do exército inimigo, como um “exército do Senhor”, sendo o pano de fundo a calamidade causada pelos enxames de gafanhotos e pela seca. O exército inimigo representado pelos enxames é o exército com o qual vem o juízo no “Dia do SENHOR”. É como se o próprio Deus levantasse sua voz à frente do exército, o qual é muito numeroso e poderoso, obediente à ordem para destruir. Joel afirmou diretamente que o “Dia do SENHOR” é muito terrível e perguntou: “Quem o poderá suportar?”

A INVASÃO DE GAFANHOTOS E O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO – CHAMADO AO ARREPENDIMENTO E À ORAÇÃO

Joel 2:12-14: “{2:12} Ainda assim, agora mesmo, diz o SENHOR: ‘Convertam-se a mim de todo o coração; com jejuns, com choro e com pranto. {2:13} Rasguem o coração, e não as suas roupas.’ Convertam-se ao SENHOR, seu Deus, porque ele é bondoso e compassivo, tardio em irar-se e grande em misericórdia, e muda de ideia quanto ao mal que havia anunciado. {2:14} Quem sabe se ele não se voltará e mudará de ideia, e, ao passar, deixe uma bênção, para que vocês possam trazer ofertas de cereais e libações ao SENHOR, seu Deus?”

2:12 – Tendo em vista a severidade do anunciado dia de castigo e as ondas incessantes de enxames de gafanhotos, o profeta exortou o povo a se arrepender transmitindo as palavras de Deus: eles deveriam se converter a ele de todo coração, se arrependendo profundamente de seus pecados, conforme diz a expressão “com jejuns, com choro e com pranto”. Deus não deseja apenas um remorso superficial e uma tristeza momentânea pelos erros. Arrependimento denota uma mudança de atitude, deixando de fazer o que desagrada ao Senhor e fazendo o que o agrada.

2:13 – Rasgar as vestes era um sinal de dor e luto (Gênesis 37:29,34). Ao invés de apenas fazer um sinal externo como esse, Joel exortou o povo a verdadeiramente se converter a Deus (“Rasgai o vosso coração”), pois “ele é bondoso e compassivo, tardio em irar-se e grande em misericórdia, e muda de ideia quanto ao mal que havia anunciado.” O “arrependimento de Deus” mencionado aqui tem o sentido de Deus poder se compadecer de um povo que se volta para ele, assim não mais trazendo o “mal” – a consequência dos maus atos – que havia determinado como punição. Em outras palavras, Deus pode cancelar o castigo anunciado se o povo se converter de todo o coração.

A ação de “rasgar” aqui aparece apenas uma vez, mas tem dois significados: ao se referir ao coração, tem um significado figurado; ao se referir às vestes, tem um significado literal. O coração não se rasga no mesmo sentido em que se rasgam as vestes: rasgar o coração é lamentar o pecado cometido, desistir de pecar, e se converter a Deus.

2:14 – A possibilidade de o castigo ser evitado existiria apenas se o povo se convertesse ao Senhor. E, ainda que isso ocorresse, não seria garantia de livramento (Amós 5:15; Jonas 3:9; Sofonias 2:3). O Senhor pode se compadecer do povo e mudar de ideia de forma a não mais aplicar o castigo. A decisão de perdoar pertence a Deus. O arrependimento humano não determina essa decisão divina, mas coloca sua esperança na misericórdia e compaixão de Deus (2 Samuel 12:22; Lamentações 3:29). Deus é rico em perdoar, e isso foi demonstrado ao longo de toda a Bíblia. Porém, abusar de sua misericórdia certamente é algo que não se deve fazer.

Joel disse ao povo que Deus é tão bom que poderia até mesmo decidir não aplicar o castigo e ainda dar uma bênção para que a terra voltasse a dar seus frutos, os quais foram eliminados com a praga de gafanhotos e a seca. Assim, também seria possível retomar a apresentação das ofertas no templo. Porém, para que essa possibilidade fosse real, o povo verdadeiramente deveria se converter a ele.

Joel 2:15-17: “{2:15} Toquem a trombeta em Sião, proclamem um santo jejum, convoquem uma reunião solene. {2:16} Reúnam o povo, santifiquem a congregação, congreguem os anciãos, reúnam as crianças e os que mamam no peito. Que o noivo saia do seu quarto, e a noiva, dos seus aposentos. {2:17} Que os sacerdotes, ministros do

SENHOR, chorem entre o pórtico e o altar, e orem: 'Poupa o teu povo, ó SENHOR, e não faças da tua herança um objeto de deboche e de zombaria entre as nações. Por que não de dizer entre os povos: 'Onde está o Deus deles?''

2:15 – A trombeta seria tocada em Jerusalém não como alarme, mas como forma de convocar um ajuntamento solene com o intuito de reunir o povo no templo para orar e suplicar a Deus. A promulgação de um “santo jejum” se refere a uma maneira de demonstrar um coração contrito diante de Deus por meio da abdição de alimento e água.

2:16 – Joel exortou para que todo o povo se ajuntasse diante do Senhor: anciãos, crianças, noivos e noivas. A “congregação” denota a comunidade religiosa (sacerdotes, cantores, levitas). O “quarto” do noivo e os “aposentos” da noiva indicam lugares onde ocorreria a primeira relação após o casamento. Isso significa que a reunião solene teria precedência até mesmo sobre os recém-casados.

2:17 – Os sacerdotes deveriam se posicionar entre “o pórtico e o altar”, isto é, entre a fachada do edifício do templo (1 Reis 6:3) e o altar de bronze situado no átrio onde se ofereciam os sacrifícios (2 Crônicas 4:1,9). Como “ministros do SENHOR”, eles deveriam chorar e orar, intercedendo pela nação e também pela terra, a qual foi chamada de “herança”. Os pedidos de oração sugeridos pelo profeta foram que Deus poupasse o povo do juízo e que a terra deles não caísse em degradação, de forma que não fosse escarnecida pelas outras nações. A maior consequência disso seria uma zombaria da parte dos outros povos, os quais poderiam questionar onde estaria o “tão poderoso Deus dos judeus”. Há um princípio interessante aqui: um testemunho ruim de pessoas que alegam servir a Deus acaba por causar um efeito negativo na forma como descrentes veem o Senhor. A pergunta “Onde está o Deus deles?” denota uma ironia que acusa o Senhor de não proteger seu povo.

SALVAÇÃO NO DIA DO SENHOR – O REINO DE JUDÁ SERÁ RESTAURADO PELO SENHOR

Joel 2:18-20: “{2:18} Então o SENHOR teve grande amor pela sua terra e se compadeceu do seu povo. {2:19} O SENHOR respondeu ao seu povo: ‘Eis que lhes envio o cereal, o vinho e o azeite, e vocês ficarão satisfeitos. Nunca mais farei de vocês motivo de zombaria entre as nações. {2:20} Mas o invasor que vem do Norte, eu o removerei para longe de vocês e o lançarei para uma terra seca e deserta. Lançarei a sua vanguarda para o mar oriental, e a sua retaguarda, para o mar ocidental. Subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão; porque agiu poderosamente.’”

2:18 – O povo realmente se arrependeu e Deus, com sua misericórdia e bondade, se compadeceu dele. Ele mostrou seu grande amor (Oseias 11:8; Zacarias 1:14; 8:2). Outra tradução para a expressão “teve grande amor pela sua terra” seria “se mostrou solícito da sua terra”. Observa-se que em Joel 2:18-27 ocorreu a restauração dos produtos do campo e a salvação do povo, e até mesmo dos animais do campo que pereciam. A calamidade causada pela praga de gafanhotos e pela seca e a posterior restauração demonstram uma aplicação espiritual em que Deus abençoa aqueles que sofrem e se voltam a ele de todo coração.

2:19 – O Senhor respondeu, dizendo que o povo voltaria a ter o fruto da terra e seria farto dele, “o cereal, o vinho e o azeite”. Em algumas versões da Bíblia aparece a palavra “óleo” em vez de “azeite”, mas de qualquer forma o termo se refere ao fruto da oliveira. Assim, o mantimento estaria de volta à terra e as ofertas no templo poderiam ser oferecidas novamente, conforme a benção mencionada em Joel 2:14. Aquele povo que se arrependeu também não mais seria feito “motivo de zombaria entre as nações”.

2:20 – Deus chamou as ondas de enxames de gafanhotos de “invasor que vem do Norte”. Em Joel 2:25, o Senhor chamou os gafanhotos de “o meu grande exército que enviei contra vocês”. Os gafanhotos tipicamente atacam a região da Palestina a partir do sul e do sudeste, e não do norte, embora isso não seja exatamente uma regra geral. No entanto, provavelmente, o enxame de gafanhotos foi chamado de “invasor que vem do Norte” não porque realmente veio do norte, mas porque ele representava a nação que viria do norte no anunciado “dia do Senhor” caso o povo não se arrependesse. Uma vez que inimigos de Israel nos tempos antigos não invadiam pelo mar nem pelo deserto por causa da localização geográfica de Canaã, Israel era vulnerável a nações que não eram vizinhas apenas pelo sul, o qual levava ao Egito, e pelo norte, de onde vinham nações muito poderosas como a Assíria e a Babilônia. Portanto, o norte sempre inspirava preocupação e medo no povo de Israel.

Pela sua misericórdia, Deus decidiu remover as ondas de enxames contra Judá e lançá-las para “*uma terra seca e deserta*”. A expressão “*Subirá o seu mau cheiro, e subirá a sua podridão*” realmente descreve o fim de um enxame de gafanhotos que perece em uma área seca e deserta. A vanguarda do enxame, o qual foi chamado de “*exército*” por representar a multidão inimiga que viria do norte, seria voltada ao “*mar oriental*”, ou seja, o Mar Morto, e a retaguarda seria voltada ao “*mar ocidental*”, ou seja, o Mar Mediterrâneo. Assim, os enxames seriam removidos de Judá e pereceriam em uma área seca e deserta. O mau cheiro resultante do apodrecimento dos gafanhotos mortos pode ter uma aplicação de que o perdão nem sempre elimina as consequências dos pecados. Nesse caso, os gafanhotos finalmente cessariam, mas a consequência do mau cheiro de suas mortes nas áreas secas e desertas incomodaria a nação de Judá quando o vento soprasse a partir delas. No caso de um ladrão, por exemplo, ele pode ser perdoado de seu roubo ao se arrepender, mas ainda assim teria que pagar sua pena na prisão – a consequência de seu pecado ainda incide contra ele.

A expressão “*porque agiu poderosamente*” indica que o enxame de gafanhotos, o qual representa o exército que estaria por vir, foi de fato uma praga poderosa que agiu contra o povo de Deus e, de certa forma, estava “*sendo punida*” por isso. Deus tem zelo pelo seu povo e também castiga aqueles que o castigam. Alguns intérpretes imaginam que a remoção literal da nuvem de gafanhotos da terra de Judá simboliza os seus mais temíveis inimigos sendo afastados dela e perecendo.

Uma vez que Deus removeu a ameaça das ondas de enxames de gafanhotos da terra de Judá, também decidiu não mais trazer sobre ela o poderoso exército que foi prefigurado por esses gafanhotos.

Joel 2:21-23: “{2:21} Não tenha medo, ó terra; alegre-se e exulte, porque o SENHOR faz grandes coisas. {2:22} Não tenham medo, animais selvagens, porque os pastos do deserto reverdecerão, porque as árvores darão os seus frutos, as figueiras e as videiras produzirão com vigor. {2:23} Filhos de Sião, alegrem-se e exultem no SENHOR, seu Deus, porque ele lhes dará as chuvas em justa medida; fará descer, como no passado, as primeiras e as últimas chuvas.”

2:21 – O Senhor confortou o povo afirmando que os enxames de gafanhotos e o exército que eles representavam seriam retirados de Judá (Joel 2:20) e os mantimentos seriam reestabelecidos (Joel 2:19). A terra sofria com os resultados da calamidade causada pela praga e pela seca em Joel 1:10-12,19. Deus confortou a própria terra, dizendo para que ela se regozije e alegre pela salvação que ele é capaz de proporcionar, pois “*o SENHOR faz grandes coisas.*”

2:22 – Em Joel 1:18-20, até mesmo os animais do campo clamavam ao Senhor pelo sofrimento causado pela calamidade. Agora foram consolados: “*porque os pastos do deserto reverdecerão, porque as árvores darão os seus frutos, as figueiras e as videiras produzirão com vigor.*” Esse consolo também se aplica para a terra (Joel 2:21).

2:23 – Os “*Filhos de Sião*” são os habitantes de Jerusalém. Deus disse para que eles se regozijem nele, uma vez que voltarão a ter as tão importantes chuvas, “*as primeiras e as últimas chuvas*”, ou “*a chuva temporã e a serôdia*”, como era antes da seca. A “*primeira chuva*”/“*chuva temporã*” começava em outubro-novembro, pouco antes da sementeira, e a “*última chuva*”/“*serôdia*” em março-abril, quando as colheitas já estavam amadurecendo. Chuvas eram vistas nos dias do Antigo Testamento como um sinal direto do favor de Deus. Rios da região tendem a ser pequenos e contêm pouca ou nenhuma água no verão. Nos tempos bíblicos, Israel dependia da chuva para o abastecimento de água e para o suprimento de nascentes e fontes.

A expressão “*lhes dará as chuvas em justa medida*” é a tradução provável, uma vez que o texto hebraico é obscuro. Essa expressão em hebraico também pode ser traduzida por “*chuva conforme o mestre da justiça*”. A seita de Qumran, que produziu a maioria dos rolos do Mar Morto, alegava que seu mais reverenciado mestre da lei, que seus membros designavam “*mestre da justiça*”, era o cumprimento dessa profecia. Porém, o contexto imediato apoia a tradução “*lhes dará as chuvas em justa medida*”.

Joel 2:24-27: “{2:24} As eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e de azeite. {2:25} Restituirei os anos que foram consumidos pelos gafanhotos – o migrador, o devorador e o destruidor –, o meu grande exército que enviei contra vocês. {2:26} Vocês terão comida em abundância e ficarão satisfeitos, e louvarão o nome do SENHOR, seu Deus, que fez maravilhas em favor de vocês. E nunca mais o meu povo será envergonhado. {2:27}

Vocês saberão que eu estou no meio de Israel, e que eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, e que não há outro. E nunca mais o meu povo será envergonhado.

2:24 – Assim como o Senhor reestabeleceu as chuvas, também ocorreu com frutos da terra como o “trigo” para produção de pão, o “vinho”, ou seja, as videiras, e o “azeite”, ou seja, os frutos das oliveiras. As “eiras” (pequenas áreas de terreno latejado ou cimentado onde se malha ou peneira cereais) voltaram a ser cheias de trigo. Os “lagares” (espécies de tanques onde são espremidos certos frutos) transbordaram com o suco da uva e das azeitonas.

2:25 – Observa-se a grandiosidade da bondade de Deus: não apenas ocorreu a restauração de frutos da terra, mas Deus disse que compensaria os anos de plantio investidos e perdidos por causa da praga de gafanhotos e da seca. Assim, a terra produziria mais do que o normal.

Como em Joel 1:4, foram usadas quatro palavras diferentes para descrever os gafanhotos, os quais são chamados de “grande exército” enviado pelo Senhor. De fato, a praga de gafanhotos foi um prenúncio do juízo que estava por vir no terrível “dia do Senhor” que traria um exército inimigo poderoso. Se a nação de Judá não pôde nem sequer suportar os insetos, como resistiria ao exército? No entanto, o povo se voltou ao Senhor e obteve a misericórdia dele, sendo a nação de Judá salva da verdadeira calamidade.

2:26 – Antes havia escassez de alimentos por causa da calamidade, mas Joel afirmou que a nação passaria a comer abundantemente e se fartar. Tal mudança de situação caracteriza a maravilha de Deus em favor de seu povo. Em razão de tal júbilo e alívio, o povo louvaria o nome de Deus.

A expressão “*E nunca mais o meu povo será envergonhado*” significa que o povo de Deus, ou seja, aquelas pessoas que realmente se converteram ao Senhor, não mais passaria a vergonha que passou por causa das consequências da praga de gafanhotos e da seca, isto é, a ausência das chuvas, a morte dos animais, a falta dos produtos do campo e a interrupção do oferecimento das ofertas diárias no templo. Essa expressão não significa literalmente que o povo de Judá jamais seria envergonhado por causa de uma nação inimiga, uma vez que isso ocorreu várias vezes após a época de Joel.

2:27 – Os sinais de benevolência da parte do Senhor para uma nação arrasada pela calamidade decorrente da praga de gafanhotos e da seca, a restauração dos frutos da terra e das chuvas, a compensação dos anos de plantio perdidos, bem como o livramento do exército inimigo, demonstram que Deus está no meio de seu povo. Deus deve ser a única divindade entre o povo.

Assim como em Joel 2:26, aqui aparece a expressão “*E nunca mais o meu povo será envergonhado.*” Isso não é uma repetição sem sentido, mas reforça uma certeza infalível dessa verdade, a qual é declarada duas vezes no livro. Enquanto a “vergonha” em Joel 2:26 se referiu mais especificamente às ausências das bênçãos temporais, como as chuvas, os animais, os produtos do campo e as ofertas diárias no templo, aqui tal vergonha se refere mais às ausências de bênçãos que vêm da presença de Deus entre seu povo: ensino, proteção, livramento, santidade, bondade, justiça, fortalecimento, restauração, etc. Deus não deixa faltar a seu povo o que é necessário, mesmo quando se trata de necessidades materiais (Salmo 37:25; Mateus 6:25-34; Hebreus 13:5).

Uma nação sem a presença do Senhor está em posição de vergonha. Se as pessoas se convertem verdadeiramente a ele, e não o abandonarem, jamais terão a vergonha de terem as bênçãos negadas da parte de Deus. Isso, porém, não exime os fiéis de terem que passar por sofrimentos e provações.

SALVAÇÃO NO DIA DO SENHOR – O POVO SERÁ RESTAURADO PELO SENHOR

Joel 2:28-29: “*{2:28} E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões. {2:29} Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias.*”

2:28 – A expressão “*depois disso*” se refere à era apostólica, conforme o discurso de Pedro em Atos 2:17-21 no dia de Pentecostes. Essa é uma profecia de cumprimento futuro em relação à data da redação do Livro de Joel, mas já concretizada do nosso ponto de vista. O contexto imediato indica especialmente o dom da profecia. O

derramamento do Espírito do Senhor permitiu a realização de muitos sinais e prodígios (dons espirituais milagrosos) no primeiro século por parte de muitos cristãos. Enquanto no passado (a era do Antigo Testamento) o dom de profecia foi outorgado a poucos, a profecia de Joel indicou que no futuro (o primeiro século, a era apostólica) o dom de profetizar seria concedido abundantemente. Sonhos e visões são manifestações do dom profético (*“Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões”*).

Na verdade, o derramamento do Espírito não concedeu apenas dons espirituais milagrosos – de fato, o maior dom do Espírito é a própria salvação e a capacitação da pessoa para seguir de forma perseverante o caminho do Senhor. A conversão a Deus para salvação, nos termos que ele estabeleceu no Novo Testamento, envolve os seguintes aspectos: (1) crer em Cristo como Senhor (Deus – ele manda e nós obedecemos, ainda que não gostemos de alguns de seus ensinamentos) e como salvador (João 6:29; 8:24,58; Atos 4:12); (2) confessar a fé do evangelho durante toda a vida, e não apenas no momento de conversão (Atos 2:29-33; 8:33-36; Romanos 10:9-10,13; 1 Coríntios 15:12-14; Apocalipse 2:10); (3) se arrepender, ou seja, desistir de pecar e se comprometer a seguir os ensinamentos de Cristo (Mateus 3:8; 7:20; Lucas 13:1-7; 1 João 1:8-2:2); (4) ser batizado (imerso em água) em nome do Pai, Filho e Espírito Santo/de Cristo com o objetivo de obter a remissão de pecados e o recebimento do dom do Espírito – a própria salvação e a capacitação para nela permanecer (Mateus 28:18-20; Marcos 16:15-16; João 3:5; Atos 2:38; 22:16; Romanos 6:3-4; Gálatas 3:26-27; Colossenses 2:12; 1 Pedro 3:21); e (5) perseverar na fé do evangelho, isto é, persistir em aplicá-la na vida prática até o fim (Mateus 10:22; Hebreus 10:26-31,35-36,39). Todos esses aspectos estão presentes na verdadeira crença em Deus. Se faltar algum, a pessoa ainda não se tornou cristã.

Aquele que recebe o batismo dessa forma recebe a remissão de pecados e o dom do Espírito, que é a própria salvação e a capacitação para viver de modo agradável a Deus (Atos 2:38). A expressão *“toda a humanidade”* denota que muitos diferentes povos receberiam o Espírito do Senhor. De fato, pessoas de diferentes nações se tornaram cristãos durante o crescimento da Igreja. Vários tiveram acesso aos dons espirituais milagrosos no primeiro século, mas todos recebem o Espírito Santo no batismo e, assim, a salvação e capacitação para perseverarem e permanecerem salvos.

2:29 – Até mesmo *“servos”* e *“servas”* receberiam esse derramamento do Espírito da parte do Senhor. Em Cristo não há diferença entre posição social, gênero, raça, etc. (Gálatas 3:28) e todos os convertidos recebem o Espírito Santo para serem capacitados a perseverar no caminho do Senhor. Alguns receberiam também dons espirituais milagrosos, como o dom de profecia (Joel 2:28). A expressão *“naqueles dias”* se refere à era apostólica, assim como a expressão *“depois disso”* em Joel 2:28.

Joel 2:30-32: *“{2:30} Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. {2:31} O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR. {2:32} E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo. Porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar.”*

2:30 – Os *“prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça”* fazem parte de figuras de linguagem usadas frequentemente para descrever um *“dia do Senhor”*. Não há apenas um *“dia do Senhor”* na Bíblia, mas vários: o *“dia do Senhor”* é um dia de acerto de contas de Deus contra um povo ou nação, mas também possui um aspecto de livramento para os fiéis. Há também o *“dia do Senhor”* no sentido do julgamento final.

A linguagem aqui foi usada para descrever o terror do dia de acerto de contas contra uma nação condenada, usando figuras de linguagem associadas com os *“prodígios”* aqui descritos: *“sangue, fogo e colunas de fumaça”*, os quais eram aspectos que eram encarados na antiguidade com temor e como vislumbre de castigo. Sangue, fogo e fumaça são consequências de uma guerra.

2:31 – Embora o Senhor tenha libertado Judá da praga de gafanhotos e livrado o povo do exército inimigo que foi prefigurado pelos enxames (Joel 2:20), ele afirmou que ainda viria *“o grande e terrível Dia do SENHOR”*. Compreende-se que o contexto do *“Dia do SENHOR”* mudou, não se tratando mais do exército que estava por vir sobre Judá e que foi representado pelos gafanhotos – Deus livrou o povo desse castigo já na época de Joel. Portanto, está sendo anunciado outro *“dia do Senhor”*. Conforme o discurso de Pedro em Atos 2:17-21 no dia de Pentecostes, discurso que afirmou o cumprimento dessa profecia de Joel, esse *“dia do Senhor”* está relacionado aos *“últimos dias”*, ou seja, os dias finais da Antiga Aliança e a instituição da Nova Aliança.

Provavelmente, a alusão ao “dia do Senhor” aqui se refere a outro exército que assolaria a nação de Judá: em 70 d.C., o império romano assolou Jerusalém e o templo. O povo de Judá foi livrado do grande exército prefigurado pelos enxames de gafanhotos na época de Joel, porém, por sua persistência no pecado, os descendentes desse povo ainda teriam a nação e o templo destruídos no futuro (isto é, o primeiro século). Curiosamente, Apocalipse 9 descreve simbolicamente o exército romano destruindo Jerusalém com o uso da figura de gafanhotos, assim como a ameaça do exército inimigo foi prefigurada por gafanhotos no Livro de Joel.

A expressão “*O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue*” não deve ser tomada literalmente, mas como uma figura de linguagem que indica, do ponto de vista daquele que sofre o juízo do Senhor, o quão terrível é o julgamento. Fenômenos que faziam o Sol “parecer trevas” e a Lua “se tornar como sangue” eram encarados na antiguidade como sinais de pavor. O pavor associado a essas imagens denota a linguagem aqui empregada de que o dia de acerto de contas de Deus é terrível para o condenado: é como se ele realmente estivesse vendo o Sol se tornar em trevas e a Lua se tornar em sangue, percebendo que chegou seu fim – as luzes se apagam para o condenado, sendo ele deixado em trevas. Expressões como essa são tipicamente utilizadas na Bíblia para afirmar o fim de uma nação. Nesse caso, trata-se do fim da nação judaica.

2:32 – Com a instituição da Igreja no dia de Pentecostes, no qual ocorreu o cumprimento dessa profecia de Joel, a expressão “*todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo*” significa que qualquer pessoa que se converter a Cristo será salva. A mesma expressão é referida por Paulo em Romanos 10:13 e aplicada a todos, judeus e gentios. Todas as pessoas pecam (Romanos 3:23; 6:23) e estão sob a ira de Deus (Romanos 1:18-32). O termo “*invocar*” denota, obviamente, conversão total a Deus, não bastando apenas clamar pelo seu nome, assim como o próprio Livro de Joel ensinou (Joel 2:12-13). Na verdade, invocar o nome do Senhor tem relação íntima com o arrependimento e o batismo para remissão de pecados pregado por Pedro em Atos 2:38, o qual concede o dom do Espírito: a salvação e a capacitação para permanecer nela.

Os “*salvos*” são aqueles que foram chamados por Deus para o arrependimento (Joel 2:12-13) e que “*invocaram o nome do Senhor*”, ou seja, aqueles que se converteram a Deus. Eles estarão “*no monte Sião e em Jerusalém*”. Os salvos de fato estiveram no Monte Sião e em Jerusalém, uma vez que foi onde a Igreja foi instituída no dia de Pentecostes, com a conversão de muitos (Atos 2:1-41). O Monte Sião e Jerusalém não são apenas as localidades físicas onde a Igreja foi instituída, mas representam também a habitação celestial do Senhor. Assim, a profecia afirmou que a promessa da salvação viria ao Monte Sião e a Jerusalém e, em um cumprimento maior, que os salvos estarão para sempre em comunhão direta com Deus na Jerusalém celestial (Apocalipse 21:3-4).

O “*dia do Senhor*” que ocorreu após o derramamento do Espírito, a destruição de Jerusalém em 70 d.C., causou a morte de muitos. Porém, os discípulos de Cristo que atentaram a seus avisos sobre essa destruição (Mateus 24:15-18; Marcos 13:14-16; Lucas 21:20-22) escaparam, sendo os “*sobreviventes*” do “*Dia do SENHOR*”. Eles foram aqueles aqui referidos com a expressão “*aqueles que o SENHOR chamar*”, e continuaram cumprindo o chamado para espalhar as boas novas da salvação em Cristo pelo mundo.

SALVAÇÃO NO “DIA DO SENHOR” – A CHEGADA DO “DIA DO SENHOR”

Joel 3:1-3: “*{3:1} Eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém, {3:2} congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá. E ali entrarei em juízo contra elas por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem elas espalharam entre os povos, repartindo a minha terra entre si. {3:3} Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos em troca de prostitutas, e venderam meninas por vinho, que beberam.*”

3:1 – A expressão “*naqueles dias e naquele tempo*” se refere aos dias em que Deus realizou livramento para os salvos e juízo contra nações inimigas, o que é atestado pela expressão “*mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém*”. “*Judá e Jerusalém*” representam o povo de Deus, isto é, os “*salvos*” (Joel 2:32). O período em que Deus mudou a sorte de seu povo foi a era apostólica, com o derramamento do Espírito e a salvação concedida àqueles que se converteram ao Senhor (Joel 2:28-32). Os salvos recebem comunhão com Deus e proteção espiritual, enquanto os infiéis recebem juízo. Esse juízo será tipificado a seguir com uma batalha simbólica em que todos os ímpios estão ajuntados para atacar os fiéis, mas recebem julgamento divino e são derrotados.

3:2 – Em hebraico, Josafá significa “O SENHOR julga” e o “*vale de Josafá*” também é conhecido como “*vale da Decisão*” (Joel 3:14) ou “*vale do julgamento*”. Nesse local o rei Josafá testemunhou uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, inimigas de Judá (2 Crônicas 20:1-30). Essa vitória tornou-se proverbial, símbolo do juízo de Deus contra nações que se reúnem contra Jerusalém.

Deus anunciou castigo contra aqueles que causam tribulação aos seus fiéis por meio da narrativa de uma batalha simbólica que usa o vale de Josafá como pano de fundo. Não se trata de uma batalha literal ou de uma predição de um evento real que realmente aconteceu ou que vai acontecer. É uma batalha simbólica em que as muitas nações ímpias são ajuntadas para atacar o povo de Deus em um vale, sendo depois derrotadas pelo Senhor que, então, concede bênçãos ao seu povo. Esse tipo de anúncio de livramento aos fiéis e punição aos infiéis por meio de uma batalha simbólica também é visto em Ezequiel 38-39 e Zacarias 14.

O ponto é que todos aqueles que maltratam o povo de Deus serão derrotados, como foi no caso de Moabe e Amom no vale de Josafá. Israel aqui simboliza os salvos, também referidos como a “*herança*” de Deus. As outras nações ajuntadas no vale simbolizam todos aqueles que maltratam os salvos. As afrontas contra o povo de Deus são exemplificadas pelo que nações pagãs fizeram à nação de Israel ao longo da história: em vários momentos, tomaram e repartiram seu território entre si, e tomaram israelitas para levá-los a outros países.

No Livro de Apocalipse, a vitória proverbial no vale de Josafá foi simbolicamente usada e ampliada na visão de João para mostrar a derrota dos ímpios e o triunfo de Deus (Apocalipse 16:16; 20:9).

3:3 – Deus anunciou juízo contra as nações ímpias porque, ao longo da história, elas maltrataram seu povo. Os males feitos contra a nação de Israel foram utilizados como exemplos dos maus-tratos feitos aos fiéis a Deus e como motivos para o juízo na batalha simbólica. Assim, antes de narrar a batalha, o Senhor repreendeu as nações inimigas por terem feito males ao seu povo.

A expressão “*Lançaram sortes sobre o meu povo, e deram meninos em troca de prostitutas, e venderam meninas por vinho, que beberam*” exemplificou alguns dos males feitos pelas nações ímpias contra o povo de Deus ao longo da história.

O “lançamento de sortes” tinha vários propósitos: estabelecer a divisão de uma região, garantindo que a terra fosse uma herança divina (Números 26:55); diminuía o número de candidatos em uma determinada disputa (1 Samuel 10:20; Atos 1:26); regulamentava um serviço (1 Crônicas 24:5; Lucas 1:8); decretava a culpa (Juizes 7:14; 1 Samuel 14:41); era usada para divisão ou distribuição de pessoas (Jó 6:27; Joel 3:3; Naum 3:10); as “pedras sagradas” chamadas Urim e Tumim eram usadas para determinar a vontade de Deus em determinados assuntos (Números 27:21). É interessante que, provavelmente, Edom “lançou sortes” contra Jerusalém na época do cativo (586 a.C.), conforme Obadias 11: “*No dia em que estranhos levaram os bens de seu irmão Jacó, você estava presente; quando estrangeiros entraram pelos portões e lançaram sortes sobre Jerusalém, você mesmo era um deles.*”

Houve momentos na história em que os israelitas foram tratados pelos inimigos como simples mercadorias: até mesmo crianças (meninos e meninas) foram dadas em troca dos prazeres da prostituição e do vinho. Embora muitas vezes Deus tenha tido que castigar seu próprio povo, ele certamente não se agrada de vê-lo sofrer e, muito menos, de ver outros o castigando. O Senhor permitiu que nações inimigas trouxessem juízo a seu povo, porém, às vezes, essas nações foram longe demais. Além de falar contra Edom em Joel 3:19, as nações de Tiro, Sidom e Filístia também foram repreendidas em Joel 3:4.

Joel 3:4-8: “*{3:4} O que vocês têm contra mim, Tiro, Sidom, e todas as regiões da Filístia? Estão querendo se vingar de mim? Se é isso que vocês querem, sem demora farei com que essa vingança caia sobre a cabeça de vocês. {3:5} Visto que vocês levaram a minha prata e o meu ouro, e puseram as minhas joias preciosas nos seus templos, {3:6} e venderam os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém aos filhos dos gregos, para afastá-los da sua terra, {3:7} eis que eu os trarei desse lugar para onde vocês os venderam e farei com que a vingança caia sobre a própria cabeça de vocês. {3:8} Venderei os filhos e as filhas de vocês aos filhos de Judá, e estes os venderão aos sabeus, que são uma nação distante, porque o SENHOR o disse.*”

3:4 – “*Tiro*” e “*Sidom*” eram cidades fenícias situadas na costa do Mar Mediterrâneo, ao norte de Israel. Tiro e a “*Filístia*” eram inimigos de longa data de Israel. Deus demonstrou aqui que desejar vingança contra seu povo é

querer desejar vingança contra ele próprio, mas essa vingança recairia sobre os próprios inimigos. Deus de fato os castigou, permitindo que Sidom fosse destruída e que muitos de seus habitantes fossem escravizados por Artaxerxes III, por volta de 345 a.C. Ele também permitiu que Tiro fosse capturada pelos gregos sob a liderança de Alexandre, o Grande, em 332 a.C. Artaxerxes III vendeu os sidônios como escravos em 345 a.C. Quanto à Filístia, Nabucodonosor, o rei da Babilônia que destruiu Jerusalém em 586 a.C., aniquilou a civilização filisteia.

3:5 – O Senhor repreendeu Tiro, Sidom e a Filístia por terem despojado, ao longo da história, a nação de Israel. A expressão *“levaram a minha prata e o meu ouro, e puseram as minhas joias preciosas nos seus templos”* provavelmente se refere aos objetos de valor que se encontravam no templo de Jerusalém. Alguns desses objetos valiosos acabaram sendo colocados nos templos pagãos dessas nações. Esses despojos provavelmente ocorreram em vários momentos ao longo da história de Israel, não apenas em uma mesma ocorrência. No hebraico, a expressão para *“joias preciosas”* também pode ser traduzida por *“desejáveis”*.

3:6 – As nações de Tiro, Sidom e Filístia também foram repreendidas pelo Senhor por terem vendido membros do povo de Israel para os gregos, provavelmente na condição de escravos, colocando-os para longe de sua terra. Isso também deve ter ocorrido em vários momentos ao longo da história de Israel, não apenas em uma mesma ocorrência.

A palavra *“gregos”* aqui significa, literalmente, *“habitantes de Javã”* (conforme Gênesis 10:2-4). Os gregos haviam ocupado a costa ocidental da Ásia Menor e algumas ilhas do Mar Egeu. *“Javã”* (em grego *Ionia*) tornou-se o nome pelo qual os hebreus se referiam à Grécia. Consequentemente, o povo da Grécia foi chamado *“Javã”*.

Os antigos jônios, os quais colonizaram o Peloponeso da Grécia, praticavam amplo comércio no Oriente Médio. Os gregos comerciavam com os fenícios já em 800 a.C., e fenícios venderam cativos de Judá para os gregos. Em Zacarias 9:13, é notável o contraste entre os *“filhos de Sião”* e os *“filhos da Grécia”*: *“Porque entesei Judá como meu arco de guerra e fiz de Efraim a minha flecha. Levantarei os seus filhos, ó Sião, contra os filhos da Grécia, e farei você semelhante à espada de um valente.”* Alguns críticos alegavam que os hebreus dos períodos pré-exílicos não conheciam os jônios (gregos), porém algumas descobertas demonstraram que, já nos dias de Salomão (século 10 a.C.), os hebreus praticavam um comércio regular com eles.

3:7 – Ainda que alguns do povo de Deus tenham sido apartados de sua terra por terem sido vendidos, o Senhor afirmou que iria tirá-los dos lugares distantes para onde foram levados. Observa-se aqui o zelo de Deus com seu povo. Além disso, ele afirmou que tal maldade não ficaria impune e recairia sobre aqueles que venderam seu povo.

3:8 – Assim como Tiro, Sidom e Filístia tinham vendido judeus para os gregos, Deus afirmou que teriam retribuição na mesma moeda: essas nações teriam seus habitantes vendidos aos judeus, os quais os venderiam aos *“sabeus”*. Os sabeus eram os habitantes de Sabá, no sul da Arábia, os quais eram fornecedores de incenso, especiarias, ouro e pedras preciosas (1 Reis 10:1-2; Jó 6:19; Isaías 60:6; Jeremias 6:20; Ezequiel 27:22-23).

Joel 3:9-13: *“{3:9} Proclamem isto entre as nações: ‘Declarem guerra santa e convoquem os valentes. Que todos os homens de guerra se apresentem e se preparem. {3:10} Transformem as suas lâminas de arado em espadas, e as suas foices, em lanças. Que o fraco diga: ‘Eu sou forte.’ {3:11} Todos vocês, povos vizinhos, apressem-se e venham depressa, e reúnam-se ali.’ Faze descer os teus valentes, ó SENHOR! {3:12} ‘Que todas as nações se levantem e sigam para o vale de Josafá, porque ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas. {3:13} Peguem a foice e comecem a colher, porque a plantação está madura. Venham, pisem as uvas, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam. Porque é grande a maldade dessas nações!’”*

3:9 – Após repreender as nações por maltratarem Israel em Joel 3:4-8, o Senhor começou a narrar a batalha simbólica no *“vale de Josafá”*. Uma vez que as nações queriam tanto ter vingança contra o Senhor, aqui foi descrito um convite da parte dele para que elas se preparassem para uma *“guerra santa”*. Porém, na verdade, é um convite irônico, uma vez que os esforços dessas nações de nada vão adiantar (Joel 3:11-13; Isaías 8:9-10). O Senhor está colocando essas nações em uma grande batalha simbólica – um *“dia do Senhor”* simbólico – para ilustrar que ele triunfará contra as forças do mal, não importando o tamanho do poder delas, e fará prevalecer a justiça (conforme Ezequiel 39:1-10). A batalha no armagedom do Livro de Apocalipse também é uma visão simbólica que desenvolve

esse tema (Apocalipse 16:16; 20:9). Vários textos extrabíblicos pertencentes ao gênero apocalíptico, como alguns descobertos em Qumran, situada às margens do Mar Morto, desenvolveram esse tema mais extensivamente.

Outra tradução possível para *“Declarem guerra santa”* é *“santificai-vos para a guerra”*. Na antiguidade, os israelitas consideravam suas guerras como uma *“ação sagrada”* e se preparavam com ritos especiais, como jejuar e clamar a Deus (1 Samuel 7:6-9) e estar em abstinência sexual (1 Samuel 21:5). Em alguns casos, levavam a arca da aliança ao local da batalha, a fim de que o Senhor, como um guerreiro (Êxodo 15:3), lutasse a favor do seu povo (1 Samuel 4:3-4). Outras nações também acreditavam estar fazendo a vontade de suas *“divindades”* ao empreender suas campanhas militares.

3:10 – Deus, de forma irônica, disse para as nações se prepararem para a guerra o máximo que conseguirem, chegando ao ponto de transformarem ferramentas agrícolas em armas. Mesmo aqueles que não sabiam lutar foram encorajados a criar suas armas com o que tivessem à disposição e a se convencerem de que *“são fortes”*. Deus quis que as nações inimigas viessem com toda a força, embora seus esforços de nada vão adiantar (Joel 3:11-13; Isaías 8:9-10).

A *“foice”* era uma ferramenta agrícola usada no cultivo da videira, e era curvada, afiada, e tinha uma extremidade cortante para podar.

3:11 – O profeta disse para que os povos ao redor de Jerusalém se juntassem para, em seguida, seguirem ao *“vale de Josafá”* (Joel 3:2,12), para a guerra. Em seguida, pediu ao Senhor para que também ajunte seus *“valentes”* no vale para o combate. Esses valentes são homens de guerra de Jerusalém, os quais representam aqueles que são fiéis a Deus. Seria então uma batalha entre os valentes de Jerusalém e a força total de todos os outros povos ao redor dela, a qual representa os ímpios. Importante lembrar que não se trata de uma guerra literal: é uma batalha simbólica usando a vitória proverbial de Deus no vale de Josafá (2 Crônicas 20:1-30) para demonstrar que, ainda que houvesse uma batalha como essa, com todas as nações inimigas reunidas com todas as suas forças, seus esforços seriam inúteis. A batalha do armagedom no Livro de Apocalipse (Apocalipse 20:9) tem a mesma conotação.

A expressão *“Faze descer os teus valentes, ó SENHOR”* é a tradução provável, podendo também significar *“o Senhor fará descer os teus valentes”*. De qualquer forma, os valentes são homens de guerra de Jerusalém que representam os salvos, o povo de Deus.

3:12 – As nações já haviam se ajuntado em Joel 3:11 e, agora, se dirigem para a guerra no vale da Decisão, o vale de Josafá. Elas já estavam preparadas para a guerra e para lutar com todas as forças, mas a única coisa que acontecerá é o julgamento da parte de Deus sobre elas. É uma batalha simbólica em que Deus vai se assentar no vale para realizar seu julgamento. Em Apocalipse 20:9 ocorre uma batalha similar – não é uma batalha literal, mas uma figura que mostra a vitória de Deus e de seus santos, independentemente dos números do inimigo.

3:13 – As expressões *“Peguem a foice e comecem a colher, porque a plantação está madura”* e *“Venham, pisem as uvas, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam”* são figuras de linguagem que se referem ao terrível juízo procedente de Deus contra as nações inimigas. A razão de tamanho juízo contra essas nações foi resumida na declaração *“Porque é grande a maldade dessas nações!”* O juízo de Deus é terrível e a maldade terá sua punição.

A primeira expressão, *“Peguem a foice e comecem a colher, porque a plantação está madura”*, retrata algo como se a hora do juízo tivesse chegado, assim como se um agricultor tivesse esperado sua seara amadurecer para então colhê-la com a foice (uma figura similar a Apocalipse 14:14-16). É uma analogia com a colheita do trigo: a foice era passada na seara para a colheita, e então o trigo era separado da palha. A colheita era pisoteada e os grãos se soltavam. Então, ambos eram jogados para cima, os grãos caíam no chão, mas o vento fazia a palha voar para longe. A seguir, o trigo era ajuntado para os celeiros e a palha era queimada. Nessa analogia, o trigo representa os fiéis e a palha representa os infiéis, isto é, os fiéis e infiéis serão separados, os fiéis serão salvos e estarão com Deus, e os infiéis serão punidos e lançados para longe de Deus.

A segunda expressão, *“Venham, pisem as uvas, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam”*, é uma analogia com a safra de uvas. Uvas são colhidas e jogadas em um lagar. É como se as nações ímpias fossem jogadas em um lagar e pisoteadas. Ao invés de sair o suco da uva, sai o sangue dos inimigos, fazendo o lagar

transbordar. É uma figura de julgamento divino usada também em Isaías 63:1-6; Lamentações 1:15; Apocalipse 14:19-20; 19:15.

Joel 3:14-16: *"{3:14} Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do SENHOR está perto, no vale da Decisão. {3:15} O sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar. {3:16} O SENHOR rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz. Os céus e a terra tremerão, mas o SENHOR será o refúgio do seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel."*

3:14 – Ainda usando como pano de fundo a vitória proverbial de Deus contra os amonitas e moabitas no vale de Josafá (2 Crônicas 20:1-30), Joel narrou a batalha simbólica em que as nações ímpias que vieram dos arredores de Jerusalém e os valentes de Deus se encontram no "vale da Decisão", o vale de Josafá. Há muitíssimas pessoas no vale ("*Multidões, multidões no vale da Decisão*"), as quais foram ajuntadas por causa do acerto de contas do "Dia do SENHOR" simbólico que iria tomar lugar na narrativa – o julgamento contra as nações ímpias estava próximo. O ponto é que esse evento representa o livramento dos fiéis e a punição dos infiéis.

3:15 – A expressão "*O sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar*" não deve ser tomada literalmente. É uma figura de linguagem comum no Antigo Testamento que demonstra, do ponto de vista daquele que sofre o juízo de um "dia do Senhor", o quão terrível é o julgamento. A ausência do Sol e da Lua e das estrelas era encarada na antiguidade como sinal de terror. Esse terror, associado a essas imagens, denota a linguagem aqui empregada de que o dia de acerto de contas de Deus é terrível para aquele que é condenado: é como se ele realmente estivesse vendo os luzeiros do céu se tornarem em trevas e seu fim chegando. As nações ímpias ajuntadas na batalha simbólica estão derrotadas.

3:16 – Deus é narrado na batalha simbólica como rugindo do Monte Sião, onde se situa o templo de Jerusalém, e sua voz alta e poderosa faz com que os céus e a terra tremam. Obviamente, o ponto é mostrar o poder de Deus, o qual intimida toda a criação. Amós 1:2 é uma passagem semelhante: "*Amós disse: 'O SENHOR rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz. Os campos dos pastores estarão de luto, e o alto do Carmelo secará.'*" No entanto, ao mesmo tempo em que Deus é terrível para os inimigos, ele é refúgio e fortaleza para os fiéis, os quais são simbolizados pelos "*filhos de Israel*". Estes são os dois aspectos do "dia do Senhor": julgamento para o infiel, livramento para o fiel.

Joel 3:17-18: *"{3:17} Assim vocês saberão que eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, que habito em Sião, o meu santo monte. Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela. {3:18} E acontecerá que, naquele dia, os montes destilarão vinho, e as colinas manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de água. Uma fonte sairá da Casa do SENHOR e regará o vale de Sitim."*

3:17 – A demonstração do poder de Deus, o julgamento das nações ímpias e sua proteção ao seu povo demonstram que o Senhor é de fato Deus de seu povo fiel. Apenas o todo-poderoso poderia fazer essas coisas. A imagem da habitação de Deus em Sião, seu "*santo monte*", usou como pano de fundo o fato de que ele mantinha especial atenção no templo de Jerusalém situado no Monte Sião, desde a época em que Salomão o inaugurou e o consagrou (1 Reis 9:1-9) até a época em que foi destruído em 70 d.C. Isso demonstra um vislumbre de uma comunhão de Deus com seu povo em que ele próprio habita no meio dele.

A alusão de que Jerusalém "*será santa*" e que "*estranhos*", ou seja, infiéis, não mais pisarão nela demonstra que, ao contrário da história dos israelitas em que ocorreu contínua corrupção do povo, não haverá mais iniquidade nem infiéis na nova comunhão de Deus e seu povo fiel. Na habitação celeste do Senhor, representada por "*Sião*" e "*Jerusalém*", habitarão apenas aqueles que foram santificados.

Essa profecia alude ao galardão final reservado aos fiéis: a habitação celestial eterna com Deus em que não haverá mais nenhum mal. Sempre foi o propósito de Deus ter comunhão direta com seus filhos, os fiéis (Apocalipse 21:1-4,27).

3:18 – Foi descrita aqui uma revitalização da terra, a qual passa a produzir coisas agradáveis: "*os montes destilarão vinho, e as colinas manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de água.*" Essas coisas eram maravilhosas para os habitantes da Palestina e, usando uma figura de linguagem com elas, Joel demonstrou o quão bom é estar

com Deus. Com sua presença, tudo é bom. A felicidade e alegria dos fiéis serão plenas em Deus, sendo exemplificadas com essas maravilhas. Todos os anseios do ser humano são supridos em Deus.

A ideia de uma fonte de água que vem de Deus aparece em outros locais na Bíblia (Salmo 46:4; Ezequiel 47:1-12; Zacarias 14:8; Apocalipse 22:1-2). O profeta Joel retratou as bênçãos de estar com o Senhor como uma fonte de água que sai da “Casa do SENHOR”, o templo de Jerusalém, e “*regará o vale de Sitim*”. Segundo alguns intérpretes, esse vale se trata do prolongamento do vale do Cedrom (conforme João 18:1). Outros o situam no país de Moabe (conforme Números 25:1; Josué 2:1). Esse retrato das bênçãos apresenta prosperidade e felicidade, uma vez que “*Sitim*”, em hebraico, pode significar “acácias”. A acácia é uma das poucas árvores que floresce em terra seca. A ideia é, portanto, de um deserto bem irrigado. Assim como a água pode ser usada para irrigar uma área desértica, assim podem as correntes de água que vêm de Deus revitalizar o deserto da necessidade humana. Apenas a comunhão com Deus pode verdadeiramente saciar o ser humano.

Joel 3:19-21: “{3:19} O Egito se tornará uma desolação, e Edom se fará um deserto abandonado, por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá, em cuja terra derramaram sangue inocente. {3:20} Judá, porém, será habitada para sempre, e Jerusalém, de geração em geração. {3:21} ‘Eu vingarei o sangue deles, que ainda não foi vingado.’ E o SENHOR habitará em Sião.”

3:19 – O Egito e Edom foram nações que fizeram violência à nação de Judá e derramaram sangue de judeus em várias ocasiões ao longo da história. Os inimigos edomitas se revoltaram contra Judá nos dias de Jeorão em que o cercaram e o colocaram em perigo extremo. Os inimigos egípcios fizeram um ataque à Jerusalém sob Sisaque, no quinto ano do reinado de Roboão, saqueando o palácio e o templo. O derramamento de sangue inocente também pode se referir a judeus cativos ou fugitivos que foram às terras dos edomitas e dos egípcios e lá tiveram seu sangue derramado.

Historicamente, o Egito deixou de ser a grandiosa potência mundial que foi no mundo antigo, sofrendo vários declínios durante a história, até mesmo tendo sido dominado pelo império aquemênida, a dinastia grega dos ptolomeus e, posteriormente, por Roma. Embora o Egito exista hoje como um país, não é mais o império que foi na antiguidade, o que é atestado pelas ruínas do Egito Antigo. A nação de Edom caiu diante de Nabonido da Babilônia, em 553 a.C.

Como antigos e proverbiais inimigos de Israel, o Egito e Edom podem também ter sido tomados pelo profeta como representantes gerais dos inimigos do povo de Deus. Assim, a ideia é que Deus retribuirá a maldade daqueles que trouxeram violência contra seu povo. Embora a nação de Judá várias vezes tenha merecido castigo, vê-la sofrer certamente não agradava a Deus, especialmente quando se tratava de derramamento de sangue inocente. Ele sente quando seu povo sofre. Egito e Edom podem também representar as nações derrotadas na batalha simbólica apresentada por Joel no “*vale da Decisão*” (Joel 3:9-15). Assim, o resultado é que os inimigos de Deus são derrotados, mas seu povo prospera.

3:20 – Em contraste com o castigo pronunciado contra o Egito e Edom, os quais se tornariam em “*desolação*” e “*deserto*” (Joel 3:19), “*Judá*” e “*Jerusalém*”, as quais representam os fiéis em comunhão com Deus em sua habitação celestial, permanecem para sempre.

3:21 – Ao punir o Egito e Edom, ou os infiéis por eles representados, por causa do sangue inocente que derramaram (Joel 3:19), o Senhor vingou o sangue dos inocentes que antes não tinha sido vingado. Em outras palavras, ao Senhor pertence a vingança contra as injustiças cometidas pelos infiéis contra os fiéis, e ele fará justiça (Romanos 12:19).

A expressão “*E o SENHOR habitará em Sião*” passa a ideia de que Deus habitará com seu povo em sua habitação celestial, a qual é representada aqui por “*Sião*”, e ele sempre faz justiça.

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- www.estudosdabiblia.net;

- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.